



Biograph



TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS DE ENFERMEIRAS ESTOMATERAPEUTAS

Maria Auxiliadora Ávila dos Santos Sá

Universidade de Taubaté

doradavilla@gmail.com

Introdução

Nos últimos 13 anos meu trabalho em pesquisa é orientado pela abordagem qualitativa e adota o método biográfico-narrativo proposto e defendido por Bolívar e sua equipe (2001; 2002). Nessa perspectiva, discuto metodologicamente as possibilidades e limitações do uso dos biogramas nas pesquisas narrativas, sendo essa discussão estimulada pela participação como docente do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e o Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade de Taubaté (Unitau), cujas áreas de concentração tem em comum a interdisciplinaridade.

Em razão disso, fui convidada recentemente pela Associação Brasileira de Estomaterapia (SOBEST), organizadora do 11º Congresso Brasileiro de Estomaterapia realizado de 01 a 04 de novembro de 2015 em Gramado, Rio Grande do Sul. Nessa ocasião tive oportunidade de conhecer as trajetórias profissionais dos enfermeiros estomaterapeutas (ETs), especialidade da área de Enfermagem que confere reconhecimento e autonomia profissional aos seus titulares.

A Enfermagem, desde sua origem, constitui profissão exercida majoritariamente por mulheres, caracterizando-se como um espaço profissional feminino, sendo esse um dos aspectos que definiram a realização de pesquisa sobre as trajetórias profissionais das enfermeiras, em desenvolvimento pelo Núcleo de Estudos sobre o Desenvolvimento Humano, Envelhecimento e Gênero (NEDHEG) da Unitau. Em período anterior a equipe que compõe o Núcleo já havia investigado sobre as trajetórias profissionais de professores engenheiros em universidades públicas do vale do Paraíba Paulista (um universo profissional reconhecidamente masculino).¹ Temos como foco, portanto, a busca do conhecimento das trajetórias

¹ Parte da equipe que compõe o Núcleo de Estudos sobre o Desenvolvimento Humano, Envelhecimento e Gênero, sob a minha coordenação, já havia investigado não somente sobre as trajetórias profissionais de professores engenheiros em universidades públicas do vale do Paraíba Paulista (um universo profissional reconhecidamente

profissionais em espaços considerados socialmente como femininos ou masculinos. Que características os fazem diversos uns dos outros?

Uma outra questão que estimula a dedicação à essas pesquisas é a discussão do uso dos biogramas enquanto instrumento para a organização de dados biográfico-narrativos em pesquisas narrativas e (auto)biográficas. Proposto originalmente por Abel (1946), foi retomado por Bolívar (2001) ao estudar as fases de desenvolvimento do professorado de nível secundário espanhol. Sua adoção pela equipe do NEDHEG, que se dedica ao estudo do processo de envelhecer na profissão, aconteceu inicialmente movida pela necessidade da devolutiva das narrativas aos professores engenheiros, uma categoria profissional caracterizada pelo uso de esquemas. Uma das questões metodológicas que surgiu foi: seriam os biogramas instrumentos eficientes para a devolutiva a outros grupos profissionais?

Os resultados da pesquisa sobre as trajetórias profissionais das enfermeiras estomaterapeutas constituem uma parte das respostas a essas indagações e representam, também, um esforço no sentido de compreender as dinâmicas próprias das trajetórias de enfermeiros em especialidade profissional recente na longa história de uma profissão marcada por questões de subalternidade.

A profissão Enfermagem

A Enfermagem é uma profissão da área da saúde cuja origem está relacionada à necessidade de cuidado e segundo Aguiar et al. (2006 *apud* Souza, 2015)) o cuidar é seu principal objeto de trabalho. O surgimento da Enfermagem Moderna surge da divisão do trabalho médico, que segundo Paula e Santos (2003, p. 475) à medida que muitas

[...] atividades auxiliares foram se incorporando aos serviços médicos, sobrecarregando o profissional, todo o trabalho direto da assistência ao doente, ou seja, as tarefas ditas manuais, passaram a constituir, aos poucos, atribuições da Enfermagem. Assim, o médico “delegou” para a enfermagem o “cuidar”, um trabalho considerado menos “nobre” e que demandava tempo.

Essa distinção marca as relações sociais do trabalho na saúde segundo o conceito de divisão sexual do trabalho, que para Kergoat (2009, p. 67) tem dois princípios organizadores: “o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher). Nessa perspectiva, a Enfermagem no

masculino), como sobre as trajetórias profissionais de professores da rede pública da educação básica e sobre os percursos profissionais das gestoras de universidades paulistas e espanholas: as reitoras.

contexto das profissões da saúde “ocupa posição ímpar, pois é numericamente significativa dentro das instituições, quase que exclusivamente feminina, assalariada e hospitalar, desenvolvendo atividades centradas no cuidado em saúde de pessoas. Enquanto “cuidar é tarefa de mulher - enfermeira; tratar é tarefa de homem – médico” (PAULA; SANTOS, 2003, p. 476)

No Brasil, o marco inicial da Enfermagem Moderna é em 1923, com a criação da Escola de Enfermeiras D. Ana Neri, conhecida hoje como Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A história da Enfermagem no país é longa e atualmente o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 1986), mediante da Lei do Exercício Profissional, nº 7.498/86, de 25 de junho de 1986, no Art. 6º define como enfermeiros aqueles titulares do diploma de enfermeiro conferido por instituição de ensino, nos termos da lei [...]. Nesse sentido, o enfermeiro é um profissional cujo perfil profissional deve responder a uma visão generalista sobre o processo saúde e doença, de modo a assistir à população sob nos diversos níveis de atenção à saúde, mediante ações de prevenção, tratamento e recuperação de agravos à saúde. Desse modo, ao compor a equipe de saúde e comprometer-se com o trabalho, busca atuar sempre de forma interdisciplinar, com visão integral do ser humano. (UNESP, 2011 *apud* SOUZA, 2015).

Na década de 70, o esforço voltado para a construção de um corpo específicos de conhecimentos, em momento de busca do reconhecimento social e de representação mais positiva da profissão, contribuiu para o desenvolvimento das especialidades de Enfermagem.

Relembrem Paula e Souza (2003, p. 476) que “o International Council of Nurses (ICN) conceitua o especialista em Enfermagem como aquele preparado no nível de uma enfermagem generalista e autorizado a praticar, como um especialista, com avançado domínio em um raro campo da enfermagem” o que inclui as dimensões clínica, de ensino, administrativa, de pesquisa e consultoria. -

A especialidade Estomaterapia

Antes do final da década de 70, a estomaterapia podia ser exercida por outros profissionais da saúde e até por leigos, mas a partir de 1980, passou a ser uma especialidade exclusivamente da enfermagem, com a criação em 1978 do World Council of Enterostomal Therapists (WCET) – órgão oficial da estomaterapia mundial segundo o qual o enfermeiro

estomaterapeuta (ET) é o profissional que detém “os conhecimentos, treinamento específico e habilidades para o cuidado dos clientes ostomizados, portadores de feridas agudas e crônicas, fístulas e incontinência anal e urinária. A especialidade está existe oficialmente em 21 países, abrangendo todos os continentes e com mais de 5000 ETs formados e atuantes em todo o mundo. (YAMADA, SOBEST, 2016)

No Brasil, essa especialidade existe desde 1980, mas foi instituída formalmente em 1990, sendo o TiSOBEST um título concedido pela SOBEST (órgão oficial da Estomaterapia no Brasil) e renovável a cada 6 anos, com o objetivo a qualidade da formação profissional. Assim, para se tornar um Enfermeiro Estomaterapeuta o profissional deverá realizar, numa primeira etapa, curso em Enfermagem em Estomaterapia com abrangência em todas as áreas da especialidade, reconhecidos pelos órgãos nacionais de educação, pela SOBEST e credenciados pelo WCET. Numa segunda etapa o profissional deverá ser aprovado em concurso de títulos e prova, realizado pela SOBEST. (SOBEST, 2016)

Até 2015 existiam 16 cursos no Brasil devidamente reconhecidos e credenciados pelos órgãos responsáveis e mais três em processo de aprovação. Atualmente a SOBEST realiza uma ampla pesquisa com o objetivo de identificar quantos estomaterapeutas existem no Brasil e como estes profissionais estão atuando no mercado de trabalho. Pesquisadores vem buscando conhecer a atuação dos especialistas como Paula e Santos (2003, p.474) ao analisarem as representações dos estomaterapeutas em relação aos significados de ser especialista como “valorização, reconhecimento, remuneração, ascensão, satisfação, vontade de crescer, destaque profissional, melhoria da qualidade da assistência e segurança.” A essas significações positivas também foram acrescentadas algumas significações negativas como “cobrança e falta de reconhecimento.” Segundo as autoras “essas representações indicaram a especialização como importante dimensão no percurso profissional, fato que tem influenciado positivamente o caminhar do enfermeiro em particular do estomaterapeuta”.

Para Cesaretti e Dias (2005) “os estudos voltados para aquilo que sentem e pensam os enfermeiros estomaterapeutas são referenciais que servem para refletir sobre o problema da assistência e do ensino em Estomaterapia.” Do mesmo modo, segundo as autoras, “a mola propulsora desse processo está nas exigências da população usuária por serviços especializados e eficientes, como também nos enfermeiros que, a cada momento, estão buscando crescimento profissional.”

As (auto)biografias e biogramas de enfermeiros estomaterapeutas: o método

A abordagem narrativo-biográfica evidencia o fato de permitir ao sujeito, participante de uma pesquisa, vivenciar um processo de autoconhecimento e, ao mesmo tempo, permitir ao pesquisador conhecer o significado do vivido. (BOLÍVAR, 2002). Para Bolívar (2001) essa abordagem metodológica torna possível compreender os modos como os sujeitos dão sentido ao seu trabalho cotidiano e o sentido que atribuem às influências das experiências passadas sobre ele, sejam elas consideradas positivas ou não.

Para a compreensão desses sentidos, em especial para o conhecimento dos momentos que produzem alterações significativas nas vidas narradas, os incidentes críticos se mostram como importante recurso. Sá (2004) afirma que eles constituem situações imprevistas, relacionando-os aos eventos de vida *não normativos* (categoria presente no estudo do envelhecimento humano), associados a acontecimentos biológicos, culturais e ambientais, cuja ocorrência não é previsível e não tem caráter universal, como o divórcio, os acidentes, as doenças e os nascimentos. Almeida (2009) acrescenta que os incidentes críticos são considerados relevantes quando os sujeitos, ao refletir e analisa-los, os confirmam como tais.

Durante a realização do workshop no 11º Congresso Brasileiro de Estomaterapia foi solicitado aos participantes que respondessem a um questionário cujas perguntas abertas buscavam conhecer as suas trajetórias profissionais. Vinte e cinco enfermeiros responderam. Entretanto, foram consideradas para a análise as respostas de 23 (22 mulheres e 1 homem) que já eram titulados ou haviam feito o curso ou ainda os que ainda o cursavam. As respostas permitiram, posteriormente à realização do workshop a elaboração dos biogramas, sínteses esquemáticas das trajetórias profissionais das enfermeiras e do enfermeiro participantes, que está sendo enviados aos respondentes para que preencham as lacunas, confirmem ou contestem o conteúdo interpretativo de suas narrativas.

Os biogramas constituem um recurso da pesquisa biográfico-narrativa que permite a organização temporal dos acontecimentos que compõem as trajetórias profissionais, facilitando a confirmação dos incidentes críticos pelos entrevistados. São os percursos profissionais sem, contudo, abrir mão do conhecimento de seus significados para o sujeito. Como não é possível no espaço desse texto apresentar um exemplo de biograma sugerimos a leitura de Bolívar (2001;2002), Sá (2004; 2015).

Trajetórias de estomaterapeutas

Os registros (auto)biográficos do/das estomaterapeutas indicaram que tinham idade entre 27 e 60 anos, sendo 15 casadas. Como acontecimentos marcantes nas trajetórias profissionais destacaram-se o nascimento dos filhos e as separações conjugais, que demandam das mulheres o protagonismo na chefia das famílias e, em consequência, a busca por melhores remunerações e flexibilidade de horários.

Entretanto, de maneira geral, prevalece entre os respondentes a busca por autonomia profissional e por reconhecimento na área da saúde, embora a realização dessas conquistas representem longa (e por vezes sofrida) trajetória de estudo e jornadas triplas de trabalho, intensa dedicação.

A escolha da enfermagem como profissão teve como razão principal a habilidade, o interesse ou a admiração pelo ato de cuidar, mas muitas enfermeiras fizeram a opção pela impossibilidade de ingresso em outros cursos da área da saúde, como Odontologia e Medicina. A influência da figura materna, de namorados ou maridos e de professores foi também relatada, convergindo para o resultado de pesquisas sobre trajetórias profissionais de outras áreas. Segundo uma das respondentes *desde a adolescência motivavam-me o desejo de ser útil e a vontade constante de ajudar/defender os mais suscetíveis ou sofredores.*

A graduação em Enfermagem foi marcada por acontecimentos que envolveram desde as dificuldades financeiras até as familiares e aquelas relacionadas à própria profissão. A descoberta da estomaterapia, para muitas, representou possibilidade de crescimento profissional, como relata uma das entrevistadas: *durante a graduação vivenciei uma gama de sentimentos com o de vitória e satisfação pela conquista do objetivo almejado, o da superação das dificuldades, o da sobrevivência às frustrações e da confirmação da capacidade de conseguir minhas metas. Foi igualmente importante o fato de ter duas a três jornadas sem que isso interferisse negativamente nas relações com meus filhos. O contato com a Estomaterapia me fez interessar pela especialidade.*

Do mesmo modo, para outra respondente a graduação representou *uma fase estimulante quando senti entusiasmo nos estágios e na troca com clientes, embora ainda me perturbasse a percepção da submissão da profissão às outras profissões (médicos, diretores). Outra enfermeira se descobre ao final do curso com uma nova visão da enfermagem, mais autônoma e mais empoderada, o que coincidia com sua saída da casa dos pais.*

Os primeiros anos de atuação profissional foram de enfrentamentos, muitas vezes acompanhados de insegurança. Ao longo dos trajetos a descoberta da estomaterapia representou a libertação de muitas dessas questões e a possibilidade de autonomia e realização profissional, fosse pelas promoções nas instituições onde trabalhavam, fosse por novas oportunidades de trabalho ou pela possibilidade de atuar em sua própria clínica. Muitas se referiram à influência de profissionais renomados da área médica e da enfermagem em sua escolha pela ET.

Assim se referia uma das enfermeiras em relação aos avanços propiciados pela especialidade: *ao assumir a responsabilidade por manter e aprimorar o serviço de ET no hospital em que trabalhava, resolvi cursar a especialização em Estomaterapia. Essa escolha foi fortemente marcada pelas demandas do cargo e também pelo incentivo que recebi da diretoria clínica e da diretoria de enfermagem.*

Outra profissional afirmava: *fui influenciada por importante médico, chefe da urologia, que buscou formação internacional e foi pioneiro em cirurgias urológicas nos malformados. Seu trabalho me incentivou antes, durante e após sua gestão. Ensinou a mim e a minhas colegas a atitude de admiração e respeito por seus formandos*

Até o momento não foi possível perceber diferenças entre o relato do único enfermeiro respondentes e os das enfermeiras. As enfermeiras que ainda são estudantes mostraram seu entusiasmo pelo curso. Todos os respondentes afirmaram, ao final de suas narrativas, que voltariam a escolher a Estomaterapia, pois, segundo ele e elas:

Continuo a trabalhar como ET e escolheria novamente a especialização pois ela me fez sentir mais segura e de alguma forma competente na profissão e no atendimento aos estomizados. A especialidade ampliou minha “sede” de saber e de realização.

Reconheço que é uma área em que o enfermeiro adquire conhecimentos extremamente específicos, recebe incentivo constante para desenvolver pesquisas, é reconhecido e respeitado.

Continuo a trabalhar no mesmo local e atuo nas três áreas da estomaterapia. Trabalho muito, estudo muito e me preparo para a aposentadoria. Se pudesse escolheria a Estomaterapia outra vez pois gosto muito de minha própria trajetória e sou referência na área no município em que atuo.

Considerações provisórias

Os resultados reafirmam a busca pelo crescimento em uma profissão considerada feminina, cuja condição de tradicional subalternidade tem na especialidade e na titulação em Estomaterapia a oportunidade de *status* referendado pela autonomia profissional e/ou por melhor remuneração pelo trabalho assalariado.

A possibilidade e a constatação de que a especialidade confere oportunidades reais de ascensão profissional, de reconhecimento institucional e social e de realização profissional tem impulsionado os enfermeiros a buscarem os cursos e a titulação na área, o que demanda um número maior de espaços de formação. Entretanto, já é seara conhecida que essa demanda também pode representar oportunidade de enfraquecimento da área se os requisitos que hoje são realidade, forem em futuro próximo fragilizados ou minimizados em sua importância.

Espera-se que com o retorno dos biogramas ao sujeitos seja possível aprofundar o conhecimento de suas trajetórias profissionais com a identificação dos incidentes críticos que definiram as escolhas e a permanência na Estomaterapia.

Referências

ABEL, Theodore. The nature and use of biograms. **American Journal of Sociology**, n. 53, pp 111-118, 1946.

ALMEIDA, L. R. O incidente crítico na formação e pesquisa em educação. **Educação & Linguagem**, v. 12, n. 19, 2009. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/EL/article/viewArticle/820>>.

Acesso em: 12 jul. 2014.

BOLÍVAR, A. (2002). **Profissão professor**: o itinerário profissional e a construção da escola (G. C. C. de Souza, trad.). Bauru: Edusc. (Trabalho original publicado em 1999).

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J. FERNÁNDEZ, M. **La Investigación biográfico-narrativa en educación**: enfoque y metodología. Editorial La Muralla, 2001.

SA, M.A.A.S; ALMEIDA, L.R. Devolutiva de entrevistas: o biograma na pesquisa em educação. **Revista Psicologia da Educação**, São Paulo, 19, 2. sem. 2004.

SÁ, M. A. A. dos S; ALMEIDA, L. R. Envelhecimento profissional nas trajetórias de professores engenheiros. **Revista Psicologia da Educação**, 40, 1º sem. de 2015, pp. 59-76

SOUZA, G. J. de. **A construção da identidade do enfermeiro**: a experiência da profissionalização. 2015. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, 2015.

PAULA, M. A. B. de; SANTOS, V. L. C. de G. O significado de ser especialista para o enfermeiro estomaterapeuta. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 11, n. 4:474-82, 2003.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.

UNESP. Guia de profissões: enfermagem compromisso como o trabalho interdisciplinar. 2011. Disponível em: . Acesso em 28 de março de 2016.

YAMADA, B. THULLER, S. **SOBEST**. Disponível em <http://www.sobest.org.br/texto/5>, Acesso em 21/04/2016.

SOBEST. Disponível em <http://www.sobest.org.br/texto/5>, Acesso em 21/04/2016.

DIAS, S. M.; CESARETTI, I. U. R. O enfermeiro estomaterapeuta e a assistência em Estomaterapia: emoções representativas de sofrimento e prazer. **Estima. Revista da Associação Brasileira de Estomaterapia**: estomias, feridas e incontinências, v. 3, n. 2, 2005.